

Serra de Sapiatiba

Reserva da Biosfera



Convivendo com a Diversidade

Livro Terceiro

Serra de Sapiatiba

Convivendo com a Diversidade

Livro Terceiro

Sumário

Prefácio	03
Introdução	04
Diversidade socioambiental, a relação entre preservar e atender a sociedade	06
A vida rural	08
Salinas	12
Diversidade vegetal e indicadores da qualidade da unidade de conservação	14
Alteração do Plano Diretor	20
Inventário florístico da Sapiatiba	25
Conclusões	30

PREFÁCIO

Adriana Saad

A cada dia nos deparamos com constantes impactos ambientais, desmatamentos, poluição de todos os níveis, interferências constantes ao meio ambiente em nome do desenvolvimento sócio-econômico, onde a maioria da população ainda não enxerga a verdadeira necessidade de preservar o que nos resta.

Muitos têm até este sentimento, mas quando têm que optar por abrir mão de investimentos, ou de ganhar recursos financeiros em pró ao meio ambiente, sempre buscam o “desenvolvimento sustentável” para o seu lado.

Há mais de 10 anos, o IPEDS, comandado por Dalva Mansur e sua equipe, vem buscando tornar conhecida a Serra da Sapiatiba e seu entorno, um dos últimos refúgios naturais da região, que abriga em sua porção de Mata Atlântica preservada, espécies raras da flora e da fauna local, como Pau Brasil, Ipês, diversas espécies de animais silvestres e aves, com verdadeiro espírito conservacionista, mas no entanto valorizando e respeitando a cultura e a sócio-economia local.

Além da questão ambiental, a região ainda guarda peculiaridades sociais integradas com a natureza, como a casa da farinha na estrada da Flecheira, moradores antigos que ainda fazem artesanatos de taboa com tear, fazendeiros, apicultores e pequenos agricultores familiares.

Toda essa diversidade ambiental associada ao uso local deu origem à criação da APA da SAPIATIBA e em 2001 inseriu a Serra da Sapiatiba no Parque Estadual da Costa do Sol, que são instrumentos para ajudar na luta pela preservação do local.

Este livro, junto com as ações do IPEDS, vem servir como instrumento de divulgação, educação e sensibilização ambiental, dos recursos e beleza natural da região dos lagos, além de suas praias, e ao mesmo tempo valorizar a sócio-economia e cultura local, demonstrando o poder saudável da coexistência, onde devemos exercitar diariamente atos e sentimentos de ceder, doar e de faturar menos, em troca de uma melhor qualidade de vida.



INTRODUÇÃO

Ao falarmos sobre qualquer segmento da Mata Atlântica e sua Preservação, não podemos deixar de citar a Carta da Mata Atlântica — Carta Sobre as Coisas Naturais de São Vicente —, escrita pelo Santo José de Anchieta nos últimos dias de maio, com conclusão no dia 31 de maio de 1560 (in VIOTTI, H. A. S. J. 1984). Esta carta-relatório foi escrita com o intuito de descrever para os superiores da Companhia de Jesus quais eram as características do novo mundo em que ele estava vivendo. São José de Anchieta nos fala, então, da vegetação, da fauna, das lendas, de algumas observações sobre a forma indígena de viver e das suas relações e modos de conhecer e conviver para realizar a evangelização — o objetivo da Companhia de Jesus. Essa carta é meu livro de cabeceira, e a todo o momento me encontro surpresa com suas observações. No Livro Segundo da Sapiatiba — Caminho dos Jesuítas —, tivemos a oportunidade de citá-la e, dessa vez, novamente recorri a sua citação, pois quando fui falar das lendas locais, encontrei nessa Carta da Mata Atlântica as mesmas narrativas sobre lendas que ouvi, mostrando a permanência da cultura indígena em nossa cultura e muito mais, mostrando a importância dessa carta para todos nós que buscamos a preservação ambiental.

Neste ano de 2014, já são decorridos 10 anos desde que o IPEDS iniciou seu trabalho de falar sobre a Sapiatiba, sempre buscando tornar conhecida a Área de Preservação Ambiental da Serra de Sapiatiba entre seus moradores. Dessa forma, estivemos pesquisando, escrevendo, observando, vivenciando, convivendo com as pessoas... e percebemos uma qualidade

Dalva Mansur e Sandra Barbara de Souza

intrínseca que se destaca na área da Área de Proteção Ambiental (APA) da Serra de Sapiatiba, que é o amor que seus moradores têm pela Serra, um símbolo vivo do tipo de vida rural levada por seus antecessores e que também fez parte da infância deles. O apego pelo “seu lugar” os conserva na localidade, mesmo quando têm a possibilidade de morar em outro lugar, ainda que reconhecendo as dificuldades de não terem muitos recursos ou comércio próximo. Entretanto, essas mesmas dificuldades fortalecem as relações de vizinhança e ainda hoje se empresta café ou açúcar em momentos de necessidade, joga-se conversa fora nos portões, a amizade e o respeito se mantêm entre a população tradicional da região da Sapiatiba, inclusive entre os mais jovens. Cidades e sociedade são dinâmicas e, na área da Sapiatiba, não é diferente. Novos moradores vindos de outras regiões instalaram-se ali e, com isso, novos hábitos, novas culturas, novos modelos de ocupação e novas opções também.

Hoje temos a Comunidade Tradicional convivendo com uma comunidade exógena em uma APA, e nos preocupamos em verificar quais as consequências disso para a preservação ambiental.

A diversidade social que permeia a biodiversidade é a base para o tema central deste que é o terceiro livro: “Serra de Sapiatiba – Convivendo com a Diversidade”. O que descobrimos e vivenciamos na Apa da Serra da Sapiatiba vamos descrever, sem nos esquecer de que a APA, que tem 6.000 Ha, compreende parte dos Municípios de São Pedro da Aldeia e Iguaba Grande, e será mostrada com o intuito de levar nossos leitores a buscarem soluções que auxi-

liem na preservação ambiental, visando à qualidade de vida para esta geração e para todas as que vierem depois. Em 10 anos de relatos sobre Sapiatiba, vimos observando uma qualidade intrínseca na área da Área Preservação Ambiental da Serra de Sapiatiba, que é o amor que seus moradores têm pela Serra. Ela é um símbolo da qualidade de vida rural levada em São Pedro da Aldeia - lembrando a todos que a área que hoje está em Iguaba Grande foi também São Pedro da Aldeia até 1996. As pessoas têm apego por esse estilo de vida, e muitas que poderiam morar fora da região não abrem mão de

permanecer aqui, mesmo estando meio distantes do centro da cidade. As relações de vizinhança são fortes e substituem as dificuldades de não terem muitos recursos ou comércio próximo.

A diversidade da qual iremos tratar agora no livro é sobre as diversas formas de se preservar a biodiversidade humana, vegetal, animal e histórica, que permeiam a APA da Serra de Sapiatiba, além de mostrar o que descobrimos e vivenciamos para levar nossos leitores a buscarem novas soluções que auxiliem na preservação da qualidade de vida para a geração atual e as futuras.



Lagoa na Ponta D'água com pequenos lírios d'água. Foto: Dalva Mansur.

DIVERSIDADE SOCIOAMBIENTAL, A RELAÇÃO ENTRE PRESERVAR E ATENDER A SOCIEDADE

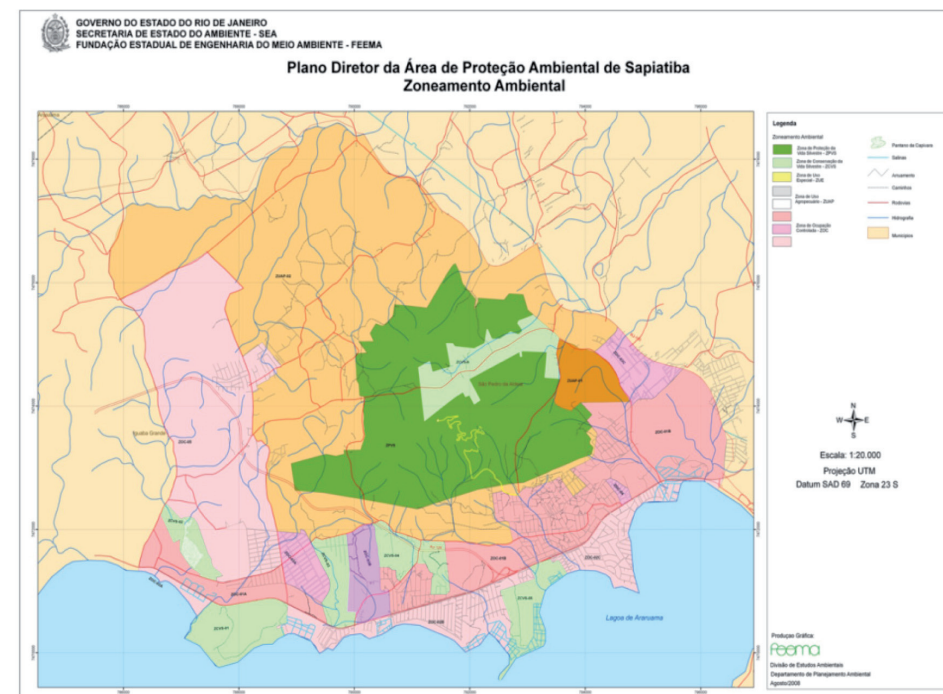
No primeiro livro em 2003, “Serra de Sapiatiba – Patrimônio Geológico, Ecológico e Cultural da Região dos Lagos”, apresentamos a Sapiatiba sob o aspecto primeiro da observação dos fatos visíveis, que são a geologia, a hidrografia, a fauna e a flora. Em 2007, no livro “Serra de Sapiatiba - Caminho dos Jesuítas”, falamos do papel histórico e estratégico da Serra para o caminho de integração da região. Seguimos o caminho e descobrimos urnas

enterradas, auxiliamos no registro do Quilombo de Sobara, que já fora de São Pedro, mergulhamos na história e revivemos fatos e roteiros. Implantamos caminhadas e acompanhamos cavalgadas. Em 2009, atendemos a uma solicitação da Via Lagos e fizemos o levantamento do estado da biodiversidade, usando como indicadores os pássaros da Sapiatiba e a relação entre as invasões que se iniciavam. Ali chamamos a atenção para o fato:

Foi dada ênfase à alteração do plano diretor da APA da Serra de Sapiatiba, objeto de estudo durante os anos de 2007/2008 e que foi estabelecido pelo Decreto Estadual 41.730, datado de 5 de março de 2009. Essa alteração vem atender à defasagem do Plano Diretor original apresentado em 2000 como medida mitigadora do impacto da abertura da estrada, e avaliada pelo grupo formado por sociedade civil e representantes de governo durante o ano 2001, (grupo este que mais tarde veio a constituir o conselho gestor). Entretanto esse mesmo Plano Diretor só foi publicado através da resolução CECA 4512, de 1º de outubro de 2004 (Mansur, D. et all. 2009).

Durante esse tempo, a feição de certas áreas foi alterada pela pressão antrópica, causando motivos para a proposta enviada ao conselho diretor de modo que as áreas junto à RJ 106 e junto à Estrada da Capivara e Rua do Fogo fossem transformadas de áreas de uso agropecuário em áreas de ocupação controlada, já que essa ocupação se dera apesar dos esforços contínuos de quem queria a preservação contra aqueles que forçavam a ocupação. É bastante difícil conter o crescimento de cidades, principalmente junto a rodovias de alto interesse econômico na região. Assim, após discussões no âmbito do Conselho Gestor, durante o ano de 2008, foi publicado o novo Plano de Manejo da APA da Serra de Sapiatiba, com o Decreto Estadual 41730, de 5 de março de 2009. Parecia que a diversidade a ser preservada perdia seu terreno para a diversidade econô-

mica, mas logo depois conseguimos, através de proposta do IPEDS ao INEA - DIBAP (Instituto Estadual do Ambiente — Diretoria de Biodiversidade e Áreas Protegidas), inserir as Serra de Sapiatiba e Sapiatiba Mirim nas áreas de ZCVS (Zona de Conservação da Vida Silvestre), além do Pântano da Ponta D’água, área no final da Via Lagos e a única restinga interior ainda preservada na Lagoa de Araruama. Ao inserir e obter aprovação dessas áreas na proposta do Parque da Costa do Sol, conseguiu-se obter novos incentivos para a área de Mata Atlântica fechada, ainda intacta, e ser alvo da obtenção de subsídios do Fundo de Compensação Ambiental, que só pode ser destinado a Unidades de Uso Integral. Após várias audiências públicas, também foi aceito e publicado o Decreto Estadual nº 42.929, de 18 de abril de 2011, para criação do Parque Estadual da Costa do Sol.



Decreto Estadual 41730, de 5 de março de 2009.

Perde-se de um lado e ganha-se do outro. Ganhamos muito porque hoje temos a Guarda Ambiental do Parque, a Guarda Ambiental da Prefeitura de São Pedro da Aldeia e a Guarda Ambiental de Iguaba Grande. Um esforço enorme da Secretaria Municipal de Ambiente, Lagoa, Pesca e Serviços Públicos de São Pedro da Aldeia, tentando preservar o ambiente, ordenar a ocupação desordenada e, principalmente, sensibilizar para o trabalho de aproximação com moradores da Sapiatiba. Esses moradores já identificaram a necessidade de reclamar do que eles percebem que possa atingir e diminuir a qualidade de vida na APA da Serra de Sapiatiba, ainda mais no que se refere aos fatores que possam afetar

a beleza que é a paisagem da serra plena de vegetação verde, que colabora para temperaturas mais amenas, mesmo nos dias de maior calor deste verão de mudanças climáticas pelo qual estamos passando em 2014.

Portanto, hoje temos uma APA da Serra de Sapiatiba que é denominada Unidade de Conservação de Uso Sustentável, e sobrepondo essa APA, existe uma área composta pelas Serra de Sapiatiba e Serra de Sapiatiba Mirim acima de 70m aproximadamente e pelo Pântano da Ponta D’água, que compreendem a área do Parque da Costa do Sol, Unidade de Uso Integral de acordo com o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) — Lei Federal 9605/98.

A VIDA RURAL

Conviver com a diversidade é, antes de tudo, conviver com a diversidade humana. Em contrapartida, em contato com a Biodiversidade, o homem sempre foi um grande alquimista em sua busca por soluções de sobrevivência.

A maioria das pessoas com quem conversei tem ideia de histórias vividas nas décadas de 1940 ou 1950 e me relataram tipos de convivência e locais de socialização que havia à época.

Todas me destacaram fatos importantes, tais como: a casa de farinha mais próxima da sua residência, as visitas a São Pedro nas festas do padroeiro, o alambique onde se moía a cana, as dificuldades para ir à escola a pé, as dificuldades para estudar... O único dos entrevistados que fez faculdade, em Niterói, falou sobre como ele conseguia ir até Niterói e voltar já à noite para no dia seguinte começar tudo de novo. Algumas moças fizeram o curso de professora em Macaé ou em Cabo frio. O restante, quando queria estudar, fazia o curso de contabilidade em São Pedro mesmo, ou o normal no colégio estadual.

O caminho se dava por entre os sítios e fazendas, e os aglomerados eram pequenos,

quase todos oriundos da mesma família, e com o passar dos anos e com os filhos que iam casando, tornavam-se um bairro familiar, de primos e primas.

Assim, tínhamos gente que morava na Flecheira, lá dentro, perto do caminho que ia dar em Sapiatiba Mirim, e que hoje chamam Flecheira II (assim se chamou a associação de moradores fundada por lá) onde conversei com dona Juracy e seu filho Cau, além da sua cunhada. Foi dona Juracy que nos falou da sutileza dos namoros de então, em que as meninas eram guardadas em casa e a oportunidade de fazer farinha era também a oportunidade de ver de longe, sob as vistas de pai, mãe e irmãos, o jovem com quem flertava. Flerte de olhares, e que às vezes, por entre a farinha, quando a moviam com as mãos, podiam encostar as mãos nas mãos dos seus eleitos! E diziam: “Olha como a minha mão ficou fina com a farinha!” A farinha retirava as impurezas e deixava as mãos, normalmente grossas do manejo da terra, finas como seda, e esse era o momento de mostrá-las aos eleitos.

Também entrevistamos, na Flecheira, as senhoras Cornélia e dona Quita, o Sr. Eufrásio, neto do Sr. Zinho Marimbondo e filho de Nilo Pernambuco, que era dono do Alambique e da Casa de Farinha. Alguns ainda moram perto da praça onde hoje está a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, e por onde corri, na época, o rio Piripiri, e todos citaram a Casa de Farinha aonde iam durante a juventude.



Dona Juracy Dolores e Sandra Bárbara durante entrevista.
Foto: Dalva Mansur



Casa de Farinha na estrada da Flecheira. Foto tirada no dia da caminhada da Sapiatiba -2010. Foto: Dalva Mansur

O sistema era interessante e servia a todas as casas de farinha. Alguém tinha uma casa de farinha e “alugava” ou “emprestava” para outra família que lá ia para moer o aipim que produzira. O movimento era grande, pois todos iam ajudar — as moças, os rapazes, até as crianças —, e como me disse certa vez o Sr. Salles, morador do Balneário, que me contou sobre a casa de farinha que existia onde hoje é a Ponta da Farinha (sede da UFF), após toda a farinha moída, o proprietário ganhava sua parte em farinha e depois começava o baile, pois o evento era realmente para comemorar. Cozinhava-se a sola, que era um pão de farinha de mandioca e amendoim ou coco. Havia grandes frigideiras, tipo forma de pizza, para fazer a sola, que depois de assada era embrulhada na folha de bananeira. A sola é muito apreciada até hoje e pode ser encontrada nas feiras locais. Serviam-se refrescos de frutas, caldo de cana e, para quem gostava, havia sempre uma branquinha. Dona Juracy fala ainda no baile com sanfona (acordeom) dos Senhores Acácio, Givaldo e Arlindo, os músicos que vinham tocar nas festas.

Hoje, a única casa de farinha que ainda se encontra funcionando situa-se na estrada da Flecheira, propriedade do Sr. Jorge, e ele mesmo diz que não consegue pessoal para fazer operar os equipamentos (mesmo os elétricos). Essa casa tem a moenda elétrica (com pequeno motor), o pilão movido a cavalo, mas a prensa ainda é manual. O proprietário abre a casa de farinha para visitas de escolas e público em geral, mas não pode mais assumir compromissos por falta de operadores.

Se antes as casas de farinha eram operadas pelo dono da carga de aipim e todos sabiam operá-la, hoje poucos conhecem como fazer, tornando-se necessário que algumas pessoas se interessem por reiniciar essa tradição.

As entrevistas tiveram pontos principais que eram, para início de conversa, a relação que cada um tem com a APA de Sapiatiba, depois os pontos negativos e positivos sobre viver em uma unidade de conservação, além do relato de casos e lendas que conhecem. E o que mais quisessem falar.

Vamos então falar da primeira questão, que diz respeito à relação com Sapiatiba.

“Nascido e criado”, essa é uma expressão aldeense que se aplica a muitos de Sapiatiba. “Nascidos e criados” é um privilégio de poucos que ainda vivem por aqui, mas, certamente, quem não nasceu fez nascer seus filhos e os criou estudando nas escolas que aqui existem há muito tempo. Até quem recentemente veio para cá, como o Sr. Eurico, não abre mão de morar por aqui, e consoante com todos, falam da necessidade de fiscalização e apoio das autoridades. Temem as invasões e o risco de perderem a mata verdejante que restou. São famílias que foram encarregadas de fazendas, professoras que lecionavam e ainda lecionam nas escolas locais, famílias que construíram ou ajudaram a construir capelas como a de Nossa Senhora da Conceição e a de Nossa Senhora de Nazareth (construída há 80 anos), que foi pagamento de uma promessa pela saúde da filha dos proprietários do sítio (a capela de Santa Rita também foi promessa familiar). Todos ajudam a manter um pouco da vida rural e ainda a participar das cavalgadas no Dia do Trabalho e no dia de Nossa Senhora de Aparecida. São pessoas que, enfim, amam o lugar e esperam preservá-lo.

Todos, sem exceção, falaram sobre o clima ameno da serra e do seu entorno, da pre-

sença da vegetação. Cacau, que é criador de abelhas, cuida da floresta e replanta aroeiras para fazer o melhor mel de aroeira do qual se tem notícia. Ele é nascido e criado na Sapiatiba e vive a sua vida rural de conservador da natureza. Todos citaram, também, a convivência com vizinhos e a tranquilidade, mas temem por sua própria segurança, pois o mundo está cruel, e temem que algo de ruim venha para cá, já que muitos estranhos estão vindo para a região.

Dona Conceição, que fabrica artefatos de tabua, lamenta não ter mais tempo nem gente para fazer junto com ela. Antigamente, as mulheres daqui faziam painéis de barro para cozer alimentos, outras eram rezadeiras (mulheres que conheciam ervas curativas, mas que também rezavam para ajudar nas curas). Havia aquelas que eram parteiras como dona Luiza, que auxiliavam no nascimento das crianças.

Como pontos negativos existem o temor de invasões, loteamentos e o fim da paz na localidade, além da falta de trabalho no local, fazendo com que os jovens venham a procurar trabalho fora de Sapiatiba. Também há falta de condução, que é um benefício e um fator de risco, pois, se aumenta a condução, aumenta também a população que muda para cá em busca de terrenos baratos. Acreditamos



Caminhantes do circuito Anda Brasil na caminhada de Sapiatiba, que se dá na Semana do Meio Ambiente. Foto: Dalva Mansur - 2009.



Dona Conceição e o tear para fazer esteiras de tabua ou taboa. Foto: Dalva Mansur

que precisamos de incentivos para tornar Sapiatiba um grande local de turismo rural e conservacionista, conseguindo, dessa forma, preservar a cultura e a biodiversidade locais.

Quando questionados sobre o que conheciam sobre lendas e casos de Sapiatiba, ninguém se fez de rogado. E aqui vamos contar com todo o respeito que a lenda exige, pois eu mesma já passei por aperto com o redemoinho de vento e areia que ocorre sempre no mesmo lugar, na estrada da Flecheira, um pouco depois da palmeira real, na esquina da estrada que contorna Sapiatiba Mirim.

Dizem que é o Curupira, figura mitológica indígena, que aparece e joga as pessoas no chão. Dona Juracy conta que, certa vez, voltando já à noite de uma igreja que por lá havia, ela presenciou o redemoinho de areia e correu sem olhar para trás. Eu, por minha vez, também por volta das 20h, voltando para casa, no bugre que era o carro do IPEDS, fui cercada por um redemoinho de areia, que circulou em volta do carro deixando-nos paradas, eu e uma estagiária. Falei com diversos professores, e todos disseram que era microclima, que aquele redemoinho de vento só se dava ali porque havia uma diferença de pressão naquele local... mas, por vias das dúvidas, não passo mais por ali sozinha em noite de calor.

Também temos a história da mula-sem-cabeça, que produz um redemoinho de fogo ou boitatá, que passa sobre a vegetação queimando tudo. O redemoinho vinha acompanhado pelos cachorros latindo ao verem a mula-sem-cabeça... Esse eu não vi, mas não custa falar desse fenômeno também. Sapiatiba é repleta de áreas arqueológicas (Mansur, D. et al. 2007), que podem, sim, produzir o que se chama de fogos-fátuos, combustões espontâneas em áreas onde existe acúmulo de gás metano, resultante da decomposição de matéria orgânica.

Aliás, conversando com alguns dos en-

trevistados, chegamos a comentar que essas lendas eram para que as crianças ficassem sempre perto de casa. Quando criança, eu as ouvia e ficava pensando que não poderia me afastar porque poderiam aparecer certas figuras mitológicas. Mas, na verdade, estávamos sendo resguardados dos perigos de sair para longe de nossas casas.

Também nos contam que não se podia deixar restos de comida do lado de fora da casa, pois poderia aparecer a gambá voadora, que atacava voando, ou o cachorro do mato, que poderia vir a ser um lobisomem. Da mesma forma, essa lenda nos diz para não deixarmos restos ou sujeira perto das casas, que deveriam permanecer sempre limpas, de modo a não atrair animais que pudessem ser nocivos ao homem.

Hoje, a falta de credibilidade nos mais velhos faz com que crianças e jovens não liguem para essas histórias, mas, de alguma forma, elas povoaram nossa infância e nos trouxeram para casa nos momentos em que poderíamos correr risco e perigos que não poderíamos identificar. Pesquisando sobre as lendas encontrei também na Carta da Mata Atlântica, o Padre José de Anchieta dizendo: “Quanto ao que costuma atemorizar os índios... chamam de corupira, que muitas vezes no mato acometem os índios...” (in Vioti, Pe Helio A.S.J. 1984 pag. 144).

Quanto aos odores da mata todos falam do cheiro de terra molhada, que a todos emociona e traz lembranças das tardes de chuva. Cheiro de terra molhada durante as chuvas de verão, cheiro dos ipês de todas as cores durante a floração e da aroeira quando floresce. Perfume das frutas, como cajá, sapoti, carambola, jabuticaba, manga, tamarindo, com seus perfumes de flores e frutos maduros. Esses perfumes ficarão para sempre guardados na memória de quem os sentiu e de quem vier a senti-los. E, nisso, Sapiatiba é plena de perfumes.

SALINAS

Há um perfume que está desaparecendo, que é o cheiro do sal nascendo nas salinas. Andávamos por toda a orla da montanha vendo as salinas produzirem sal, brilhando nos dias de sol e tempo seco. Hoje, na área da Sapiatiba, apenas uma salina ainda produz, quase que espontaneamente, mas é com algum esforço que ainda se mantém. Essa salina fica ali na RJ106, entrada da Estrada do Sal, em São Pedro da Aldeia. Entre os personagens, lembro do último salineiro com quem conversava sempre, o Sr. Sales, nascido Alnides Carvalho de Souza, figura lendária de Sapiatiba, que foi salineiro na Cia de Alcalis e, por último, trabalhou na salina da Universidade Federal Fluminense, uma salina experimental, onde se produzia um belíssimo sal auxiliado pelo vento, pela água pura da lagoa e sol intenso, que segundo o Sr. Sales, era a receita perfeita para o melhor sal que modestamente produzia, apenas colhendo o que a natureza preparava. Lá realizava palestras para escolas, sobre produção de sal e preservação ambiental. Foi ele quem me disse e mostrou o local onde antes havia a casa de farinha da Ponta da Farinha. O Sr. Sales acompanhou a destruição da salina da UFF em favor de tanques de camarão



Sr. Sales fazendo palestras sobre produção de sal para os alunos das escolas municipais.



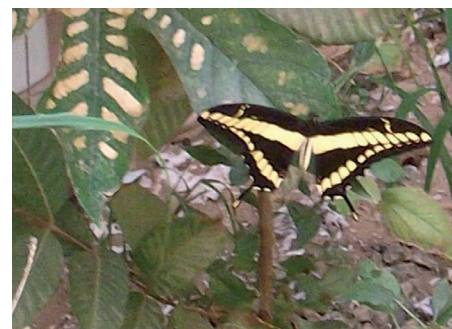
Sr. Sales. Fotos cedidas pela família.

que nunca vieram a se concretizar. Como homem curioso e inteligente, estava pronto a aprender como criar camarões, mas falava da salina sempre com saudade.

Das salinas também podem sair a artêmia salina e a alga spirulina. Ambas são micro-organismos que servem para alimentar camarões e suas larvas. Logo depois, tomei conhecimento de que, em São Pedro, havia uma Ong, a IMAR, que fazia a experiência dessa produção na salina Yamagata. A Doutora Margarida Maria Mattos Passos Bartolomeu, chamada pelos amigos de Guida, coordenava as pesquisas relativas à produção da artêmia e da spirulina como solução de economia sustentável para dar suporte econômico às salinas que, na época, estavam em decréscimo econômico.



Guida em sua sala de trabalho. Foto cedida pela família.



Borboleta no Jardim pela manhã. Foto: Dalva Mansur.



Salina Praia Linda – 2009. Foto: Dalva Mansur.



Coroa de Cristo em meio ao campo em recuperação. Foto: Dalva Mansur.



Serra de Sapiatiba – Balneário. Foto: Dalva Mansur.

Bibliografia

Foram realizadas entrevistas com moradores, que estão disponíveis na íntegra no Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Sustentável (IPEDS).

Viotti, Pe Helio A.S.J. – Cartas – correspondência ativa e passiva, Edições Loyola, SP, 1984.

DIVERSIDADE VEGETAL E INDICADORES DA QUALIDADE DA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO

Cecilia Bueno, Dalva Mansur, Guilherme Serpa

Durante os anos de 2008 e 2009, o IPE-DS foi procurado pela CCR - VIA LAGOS para realizar levantamento da biodiversidade, a fim de avaliar o estado de preservação da APA da Serra de Sapiatiba. Baseando-nos nesses levantamentos, vamos apresentar o que identificamos naquela época: material muito interessante que agora apresentamos para todos.

Esse material foi objeto da proposta do IPEDS junto ao INEA para que as Serras de Sapiatiba, Sapiatiba Mirim e o Pântano da Ponta D'água fossem incluídos no Parque Estadual da Costa do Sol, o que realmente veio a ocorrer.

No tocante à vegetação, foram observados indivíduos de grande porte nas áreas de Zona de Conservação da Vida Silvestre (ZCVS) e Zona de Proteção da Vida Silvestre (ZPVS), na serra de Sapiatiba e na Flecheira, como o pau-brasil (*Caesalpinia echinata*), jatobá (*Hymenaea courbaril*), pau-de-jacaré (*Piptadenia gonoacantha*), ipê-amarelo (*Tabebuia chrysotricha*), si-

bipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*) e a aroeira (*Schinus terebenthifolius*). Aroeira da praia é uma planta medicinal que está presente em grande quantidade tanto nas áreas da serra quanto no entorno das rodovias e nas partes mais baixas junto à Lagoa de Araruama e aos mangues, convivendo com antigas plantações de mangueiras e jaqueiras que se adaptaram perfeitamente ao local e estão nas partes baixas das duas serras em todas as fazendas e sítios. Vale destacar que as mangueiras e jaqueiras são espécies exóticas introduzidas no Brasil em tempos coloniais.

Nas áreas de restinga, permanece a presença da Aroeira, desta vez no centro da estepe arbórea aberta, caracterizada por espécies como cactus do gênero *Cereus*, as bromélias, a palmeira de guriri, o caimbê e as orquídeas, como *Acttleya guttata* ou a *Vanilla planifolia*.

Nos pântanos, existe ainda muita taboa (*Typha dominguensis*), usada tradicionalmente pela população para confecção de esteiras, além de água-pés e lírios.

“Em 2004, 2005 e 2006, foram ouvidos miados de jaguatirica (*Onça pardalis*). Em 2007 dois fatos ocorreram: duas jaguatiricas foram mortas, na rodovia Amaral Peixoto Km102, em frente à Ponta da Farinha. Eram mãe e filhote. Dois meses depois, uma jaguatirica atacou e lutou com cinco gansos em uma fazenda na Flecheira. Provavelmente seria o macho, que saiu ferido, e não mais foi visto. No dia seguinte, foram feitos moldes das patas que confirmaram ser de felino de bom porte. Na oportunidade, foi colocada a armadilha digital por mais duas semanas, mas nada foi fotografado. Acreditamos que tenha fugido, ou que, ferido, tenha morrido. Desde então, não se ouviram mais os miados ao entardecer. A presença do felino, que é topo de cadeia alimentar, indica o bom estado da diversidade, porém, se ela desapareceu, não foi por falta de alimentação, mas por sua proximidade aos equipamentos humanos.” (Mansur D.et all. 2008)

Ponta d'Água

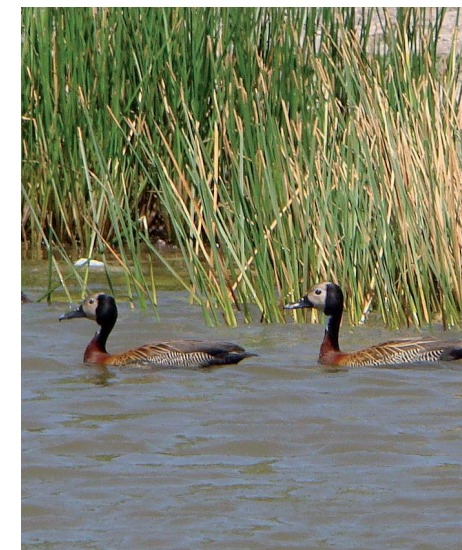
Esta área fica localizada ao final da Via Lagos, em São Pedro da Aldeia. A transformação de Zona de Ocupação Controlada (ZOC) para ZCVS ocorreu pelas boas condições da sua biodiversidade. É constituída por uma salina desativada, uma fazenda e áreas livres de propriedade, todas com características de recuperação de mata secundária. É também o local onde as pequenas lagoas não secam (permanecendo com água mesmo nos períodos de estiagem, servindo para a dessedentação de animais de todas as espécies). Com essas características, foi considerada uma área de importância para conservação e, portanto, reclassificada como acima descrito. Gambás são comuns (*Didelphis marsupialis*), mas também são prato muito apreciado pelos moradores, o que lamentamos profundamente, pois o hábito da caça vem extinguindo o pouco que resta de roedores e marsupiais ainda

presentes. Os pássaros sempre presentes são também objetos de caça para venda, outro hábito que as autoridades tentam controlar. Sistemáticamente as autoridades ambientais tentam identificar e prender caçadores e armadilhas, entretanto, o alto valor e o mercado comprador ativo nos mostram que se deve investir mais em educação ambiental junto aos adultos, nas associações de moradores, e coibir mais a venda e as exportações de animais.

Na Ponta d'Água, foram encontrados os seguintes passeriformes: *Phalacrocorax brasilianus*; *Fregata magnificens*; *Ardea alba*; *Egretta thula*; *Egretta caerulea*; *Coragyps atratus*; *Vanellus chilensis*; *Charadrius semipalmatus*; *Charadrius collaris*; *Actitis macularia*; *Tringa melanoleuca*; *Tringa flavipes*; *Calidris alba*; *Chroicocephalus cirrocephalus*; *Larus dominicanus*; *Megaceryle torquatus*; *Pygochelidon cyanoleuca* e *Anthus lutescens*.



Charadrius semipalmatus.
Foto: Guilherme Serpa



Dendrocygna viduata.
Foto: Guilherme Serpa

Flecheira (Estrada da Flecheira) e parte do bairro de Sapiatiba Mirim

Está localizada entre as duas Serras: Sapiatiba e Sapiatiba Mirim, e por conter a ZPVS e ZCVS do Plano Diretor, essa área que chamamos de Flecheira (termina exatamente na confluência da Via Lagos com a estrada de Sapiatiba Mirim) foi percorrida e fotografada



Athenia cunicularia. Foto: Guilherme Serpa

da pela equipe, com resultados positivos sobre a vegetação, a ornitofauna e equipamentos da agricultura tradicional. Abrange São Pedro da Aldeia em sua maior parte e uma parte de Iguaba Grande, junto à Via Lagos e do bairro de Sapiatiba Mirim.



Heterospias meridionalis. Foto: Guilherme Serpa

Balneário e estrada de acesso às torres

A área classificada como ZPVS, por sua qualidade de vegetação ainda primária acima de 120 metros, com difícil acesso e indivíduos vegetais de grande porte, foi percorrida e fotografada



O beija-flor (*Phaethornis idaliae*) construindo ninho. Foto: Guilherme Serpa

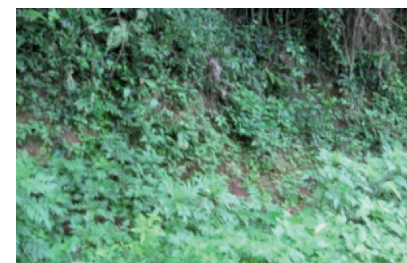
com atenção. Lá foi encontrado e filmado, à altitude de 220 metros, o beija-flor (*Phaethornis idaliae*) construindo um ninho, até então ainda não registrado por fotografia na serra.



Jequitibá fronteiro ao ninho. Foto: Guilherme Serpa

No Balneário e na estrada de acesso às torres foram encontrados: *Crypturellus tataupa*; *Penelope superciliaris*; *Fregata magnificens*; *Cathartes aura*; *Coragyps atratus*; *Rupornis magnirostris*; *Caracara plancus*; *Milvago chimachima*; *Columbina talpacoti*; *Leptotila verreauxi*; *Pionus maximiliani*; *Piaya cayana*; *Phaethornis idaliae*; *Hylocharis cyanus*; *Picumnus cirratus*; *Veniliornis maculifrons*; *Thamnophilus ambiguus*; *Myrmotherulla axillaris*; *Herpsilochmus rufimarginatus*; *Hemitriccus orbitatus*; *Hemitriccus nidipen-*

dulus; *Euscarthmus meloryphus*; *Tolmomyias flaviventris*; *Myiophobus fasciatus*; *Pitangus sulphuratus*; *Megarynchus pitangua*; *Tyrannus melancholicus*; *Myiarchus ferox*; *Manacus manacus*; *Pachyrhamphus polychopterus*; *Vireo olivaceus*; *Hylophilus thoracicus*; *Pygochelidon cyanoleuca*; *Troglodytes musculus*; *Pheugopedius genibarbis*; *Cantorchilus longirostris*; *Coereba flaveola*; *Thraupis sayaca*; *Thraupis palmarum*; *Dacnis cayana*; *Hemithraupis flavicollis*; *Conirostrum speciosum* e *Parula pitiayumi*.



Cenas do alto da serra e seu estado de conservação. Fotos: Dalva Mansur

Balneário e Estrada de Nossa Senhora de Nazareth, sob a Via Lagos e seu entorno

A área entre a ZPVS, a Zona de Uso Agropecuário (ZUAP) e a ZOC, que sofre influência da urbanização descontrolada nos últimos 4 anos, apresenta também alguns pântanos e lagos que mereceram acompanhamento. Essa área está agora sendo monitorada pela Secretaria Municipal de Ambiente, Lagoa, Pesca e Serviços Públicos em São Pedro da Aldeia, coibindo mais invasões.

A intensa antropização ao longo das estradas

das e do perímetro urbano de Iguaba e São Pedro da Aldeia pode ser verificada pela presença, em bom número, de diversas espécies sinantrópicas e invasoras, como o pardal (*Passer domesticus*), garça-vaqueira (*Bubulcus ibis*) e a asa-branca (*Patagioenas picazuro*), entre outras. As espécies bioindicadoras parecem restritas às duas áreas mais bem preservadas da APA, a Serra de Sapiatiba e as restingas da Ponta da Farinha e Ponta d'Água.



Passagem sob a Via Lagos ligando os bairros Balneário e Praia Linda, em São Pedro. Fotos: Dalva Mansur



Ponta da Farinha

Localizada em Iguaba Grande, é em sua totalidade a sede da Universidade Federal Fluminense (Faculdade de Veterinária), onde já foi abrigada uma salina experimental, desativada em 2001. O nome Ponta da Farinha deriva da casa de farinha que lá existia até mais ou menos 1960. A Ponta da Farinha é uma área apresentada no plano diretor como ZPVS e ZCVS e que ficou classificada, após a alteração totalmente aprovada, como ZCVS. Por apresentar a vegetação bem conservada e ser fronteira com o pântano da Capivara (ZCVS), também monitorado, tornou-se necessário avaliar o seu estado. Essa área constante da sub-bacia do rio Ubás (que nasce em Sapiatiba) era rica em capivaras, preás, tatus, avistados por muitos moradores, e que se tornou foco de caçadores, hoje apresenta rareamento de espécies. Tem acesso pela rua Nossa Senhora de Nazareth, que passa sob a Via Lagos, sendo o outro acesso pela RJ 106, onde inúmeros animais têm sido encontrados mortos.



Lagoa de Araruama na Ponta da Farinha.
Foto: Guilherme Serpa

Foram encontrados na Ponta da Farinha: *Crypturellus tataupa*; *Penelope superciliaris*; *Fregata magnificens*; *Coragyps atratus*; *Rupornis magnirostris*; *Buteo brachyurus*; *Caracara plancus*; *Milvago chimachima*; *Aramides cajane*; *Columbina minuta*; *Columbina talpacoti*; *Patagioenas picazuro*; *Leptotila verreauxi*; *Crotophaga ani*; *Athene cunicularia*; *Cypseloides fumigatus*; *Megasceryle torquatus*; *Picumnus cirratus*; *Thamnophilus ambiguus*; *Formicivora littoralis*; *Certhiaxis cinnamomeus*; *Hemitriccus nidipendulus*; *Elaenia flavogaster*; *Camptostoma obsoletum*; *Serpophaga subcristata*; *Euscarthmus meloryphus*; *Myiophobus fasciatus*; *Cnemotriccus fuscatus*; *Pitangus sulphuratus*; *Tyrannus melancholicus*; *Myiarchus ferox*; *Hylophilus thoracicus*; *Pygochelidon cyanoleuca*; *Troglodytes musculus*; *Mimus saturninus*; *Coereba flaveola*; *Ramphocelus bresilius*; *Thraupis sayaca*; *Thraupis palmarum*; *Cyanerpes cyaneus*; *Conirostrum speciosum*; *Sicalis flaveola*; *Volatinia jacarina* e *Parula pitiayumi*.



Serra ao fundo vista da Ponta da Farinha.
Foto: Guilherme Serpa

O registro de espécies indicadoras e recomendações

A presença do maior e do menor dos pássaros foi registrada em Sapiatiba, o maior, o Gavião, *Heterospsias meridionalis*, e o menor, o Beija-flor, *Phaethornis idaliae*, além das outras 104 espécies encontradas, presença registrada sistematicamente por moradores e por membros do IPEDS que falam entre si sobre

serpentes e gambás, preás, tatus, não avistados nesses dias, mas sabidamente existentes na área. Há ainda a existência de inúmeras árvores como o Pau-brasil (*Cesalpineia echinata*), o jatobá (*Hymenaea courbaril*), o angico, os diversos ipês amarelos e brancos, ainda presentes em Sapiatiba, as pequenas vegetações primárias, queaju-

dam a recuperar as áreas que antes eram pastos e que, sendo abandonadas, vão se recompondo, demonstram a qualidade da biodiversidade.

A Sapiatiba é um ponto de resistência da Mata Atlântica. Nela estão presentes a restinga, o pântano, a semidecidual e a floresta ombrófila, de tal forma colocados que torna a área equilibradora do clima da região e separadora das bacias do Rio Una e da Lagoa de Araruama. Ela merece toda a atenção para que seja dada maior ênfase e incentivo no replantio de espécies nativas da própria Sapiatiba, com manejo e coleta de sementes na própria área da APA, aliadas à educação de adultos no sentido de evitar a caça (a qual já diminuiu, mas que é muito difícil de erradicar por ser hábito regional).

No levantamento realizado para este estudo, num investimento (Anexo - Tabela 1) de três dias de campo nas áreas descritas no item 3.0, foram identificadas 104 espécies de aves pertencentes a 40 famílias. A família melhor representada em número de espécies foi *Tyrannidae* (n=18). A nomenclatura utilizada aqui foi atualizada segundo CBRO (2008). As espécies, seus locais de ocorrência, ambiente avistado e status de conservação estão apresentados na tabela em anexo. Em relação ao status, segundo a classificação de Alves et al. (2000), foi observada a presença de quatro espécies, são elas: *Chroicocephalus cirrocephalus* (gaivota-de-cabeça-cinza); *Phaethornis idaliae* (rabo-branco-mirim - fotografado em atividade de nidificação na serra de Sapiatiba), este, estaria em seu limite sul de distribuição, segundo o mapa constante em Sick (1997) citando *Hinkelmann* (1988b); *Cyanerpes cyaneus* (saíra-beija-flor) como provavelmente ameaçada e *Formicivora littoralis* (formigueiro-do-litoral), considerada ameaçada no Rio de Janeiro e criticamente em perigo, na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas do IBAMA. Essa última é a única ave conhecida como endêmica de restingas (Gonzaga e Pacheco, 1990). Ainda segundo Guimarães e Pacheco (2006), podem ser encontradas

outras duas espécies enquadradas em algum tipo de ameaça para o Estado do RJ na Serra de Sapiatiba: *Dixiphia pipra* e *Tangara peruviana*.



Dacnis cayana. Foto: Guilherme Serpa

Bibliografia

- Alves, ES, M.A.S., Pacheco, J.F., Gonzaga, L.A.P., Cavalcanti, R.B., Raposo, M.A., Yamashita, C., Maciel, N.C., Castanheira, M. A fauna ameaçada de extinção do Estado do Rio de Janeiro. Aves. pp. 113-124. In: Bergallo, H.G., C.F.D. Rocha, M.A.S. Alves & M.Van Sluys (Org.). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000.
- Brooks, T., J. Tobias, and A. Balmford. 1999. Deforestation and bird extinctions in the Atlantic Forest. *Animal Conservation* 2: 211-222.
- Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (2008). Listas das aves do Brasil. Versão 5/10/2008. Disponível em <<http://www.cbro.org.br>> Acesso em: 10/11/2008.
- Conservation International (2005). Hotspots Revisitados - As Regiões Biologicamente Mais Ricas e Ameaçadas do Planeta. Versão eletrônica - <http://www.conservation.org.br/publicacoes/> - acessado em 10/11/2005.
- Embrapa (2003). Brasil Visto de Espaço. CD Brasil, Embrapa, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Disponível em <http://www.cdbrasil.cnpemembrapa.br/>, acesso em 17/ jan/2004.
- Fundação SOS Mata Atlântica/INPE (1993). Mata Atlântica - Relatório. Fundação SOS Mata Atlântica. p.46.
- Gonzaga, L. P. e J. F. Pacheco (1990). Two new subspecies of *Formicivora serrana* (Hellmayr) from southeastern Brazil, and notes on the type locality of *Formicivora deluzae* Ménétirés. *Bull. B. O. C.* 110:187-193.
- Guimarães, M. A. e Guimarães, P.L.C. (2006). Levantamento Preliminar da Avifauna da Serra de Sapiatiba, Região dos Lagos, Rio de Janeiro, Brasil. *Atualidades Ornitológicas* nº 133 - Setembro/Outubro 2006 - www.ao.com.br
- Mansur, D. et al., 2004, Serra de Sapiatiba - Patrimônio Geológico Ecológico e Cultural da Região dos Lagos, Iguaba Grande, Rio de Janeiro, Brasil. p.47.
- Myers, N., Mittermeier, R.A., Mittermeier, C.G., Fonseca, G.A.B., Kent, J. (2000). Biodiversity hotspots for conservation priorities. *Nature* 403: 853-858.
- Sick, H. (1997). *Ornitologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira; 1997.
- Mansur, D. et al., 2008 - Relatório do Monitoramento Dos Sistemas Ecológicos - Novembro de 2008 - APA da Serra de Sapiatiba - Grupo CCR - Via Lagos.
- Mansur, D. et al., 2009 - Relatório do Monitoramento Dos Sistemas Ecológicos - Junho de 2009 - APA da Serra de Sapiatiba - Grupo CCR - Via Lagos.

ALTERAÇÃO DO PLANO DIRETOR

Dalva Mansur e Ronald de Carvalho Junior

Em 2009, ao retornarmos para continuar o levantamento das condições da biodiversidade da APA da Serra de Sapatiba, nossa atenção foi redobrada na parte social, preocupados com a expansão e a alteração do plano diretor, de acordo com o Decreto Estadual no 41.730, datado de 5 de março de 2009, que tendo ampliado a Zona de Ocupação Controlada (ZOC), fez com que os controles ambientais fossem diminuídos — o que, aliado à pressão por moradias, tornou antigos loteamentos alvo de crescimento multiplicado muitas vezes. Foram observados bairros nas áreas de ZOC recém-ampliada.

Essa alteração foi feita para atender a defasagem do Plano Diretor original apresentado em 2000, como medida mitigadora do impacto da abertura da estrada e avaliada pelo grupo formado pela sociedade civil e por representantes de governo em 2001, grupo este que mais tarde veio a constituir o conselho gestor. Entretanto, esse mesmo Plano Diretor só foi publicado através da resolução CECA 4512, de 1º de outubro de 2004. Durante esse tempo, a feição de certas áreas foi alterada pela pressão antrópica.

A expansão urbana de Iguaba Grande, não controlada entre 2001 e 2008 e que gerou construções irregulares, e a ocupação dos terrenos à margem da RJ 106 — Rod. Amaral Peixoto, em São Pedro da Aldeia, foram ocorrendo de forma que o conselho gestor achou por bem rever as áreas que até então estavam classificadas como Zona de Uso Agropecuário (ZUAP) junto à Estrada da Capivara, em Iguaba, e junto à RJ 106, em São Pedro da Aldeia.

Outro local também merece atenção, só que desta vez acredita-se que de forma positiva, pois a área da Ponta d'Água, final da Via Lagos, que era considerada Zona de Ocupação Controlada (ZOC) passou a ser classificada como Zona de Conservação da Vida Silvestre (ZCVS), onde

deverá acontecer a intensificação da biodiversidade já que ela é detentora do maior acúmulo de água emergente de aquífero que acredita-se cruzar a APA da Serra de Sapatiba, aparecendo nas áreas denominadas Ponta d'Água e Cuia d'Água (em Sapatiba Mirim), segundo observações no trabalho da ReSub Lagos 2001.

Todo esse cuidado se justifica, pois as mudanças apresentadas no Zoneamento da APA pelo Plano de Manejo vão gerar alterações na biodiversidade da APA e deve haver logo monitoramento, para que fique suficientemente claro que as alterações foram ocorrendo pela ocupação humana gerada pelas alterações do plano e não pela presença da Rodovia administrada pela grupo CCR-Via Lagos, pois essa, como podemos observar, vem tomando as providências que estão ao seu alcance para auxiliar na preservação da APA da Serra de Sapatiba, participando da educação ambiental e apoiando atividades de turismo ecológico como a Caminhada da Natureza — Circuito da Sapatiba, que se realiza em junho na Semana de Meio Ambiente.

Incêndio, um risco à biodiversidade.

Não é necessário falar sobre os riscos sofridos pela vegetação nos meses de seca, sejam eles de verão ou inverno, pois nessas épocas a vegetação ressecada fica frágil e facilmente ameaçada pela conjugação de vários fatores, a saber: a ação do sol; ação de qualquer agente externo (cigarros jogados na beira das estradas, incêndios criminosos, etc.); presença do capim colônio em alguns sítios e junto às rodovias que rapidamente propagam o fogo; o verão, com suas altas temperaturas e baixa umidade. Juntos, esses fatores contribuem para a ocorrência de incêndios que têm sido um risco altíssimo para a biodiversidade.

Ponta d'Água

A Ponta d'Água é uma área localizada ao final da Via Lagos, em São Pedro da Aldeia. Pelo Plano Diretor Regional, é considerada uma ZCVS e, por ser constituída por uma salina desativada, uma fazenda e



Garça Azul e Pê-Vermelho na salina da Ponta d'Água.
Foto: Guilherme Serpa

Balneário

O Balneário dá acesso à Serra de Sapatiba, que é classificada acima de 120 metros como Zona de Preservação da Vida Silvestre (ZPVS), e abaixo desta, como Zona de Conservação da Vida Silvestre (ZCVS). Junto à Rodovia Amaral Peixoto, é classificado como ZOC. Apresenta uma vegetação ainda primária e indivíduos vegetais de grande porte na parte alta. A parte plana é um bairro pleno de ocupações regulares e muitas irregulares e lindeiras às estradas RJ 106 (Rodovia

Estrada da Capivara

A Estrada da Capivara é o limite sudoeste da APA. Tem seu início junto à Lagoa de Araruama e termina no rio Papicú, que faz o limite norte na APA. O lado esquerdo da estrada está fora da APA, já o lado direito, está dentro.

Foram observadas várias construções nos pontos visitados e em grande parte são casas residenciais ou de veraneio com boa estrutura

áreas livres de propriedade, todas com características de recuperação de mata secundária, também apresenta pequenas lagoas perenes, importantes como áreas de dessecação para a fauna.



Jacaná em lagoa da Ponta d'Água.
Foto: Guilherme Serpa

Amaral Peixoto) e Via Lagos.

Outro registro surpreendeu neste inventário: já quase na Via Lagos, no Balneário, onde fica a face Sudoeste da Serra, foi observada uma espécie florestal endêmica de Mata Atlântica, *Pyhrrura frontalis* (tiriba-de-testa-vermelha). A presença de uma espécie florestal longe da mata pode ser consequência de alguma soltura. Essa espécie não foi registrada na parte alta da Serra de Sapatiba, mas sua presença é possível.

ra física e arquitetônica. É interessante chamar a atenção que não existem muitas obras em andamento nas áreas levantadas, o que demonstra que o processo de ocupação urbana das áreas observadas, apesar de ser contínuo, possui nos dias atuais um ritmo menor do que a alguns anos atrás. Foram observadas muitas residências com anúncios de venda, o que demonstra uma grande oferta de imó-

veis na região. No entanto, é observável que a maioria das residências são moradias fixas, especialmente nas imediações da Igreja Evangélica Assembléia de Deus, e outras são propriedades rurais, que vão desde grandes áreas até pequenos sítios de famílias da própria região. A presença de armazéns, mercado, pizzaria e lanchonete, loja de roupas e outros pontos comerciais demonstra um bom fluxo diário de

moradores, assim como os serviços públicos dispostos em duas escolas municipais e um posto de saúde, pertencente à municipalidade de Iguaba Grande. Os pontos observados são servidos por transporte público e por serviços de correio em domicílio. Do funcionário dos Correios, obtivemos a informação de que os endereços da região possuem as seguintes denominações: Sapiatiba, Terral e Capivara.

Estrada da Capivara junto à Via Lagos

Foi observada a área de 100 metros de raio em torno da UTM medida que fica junto à Rodovia, mesmo sabendo que o lado esquerdo da Est. da Capivara não é APA, mas que gera impacto na APA. As

áreas observadas são visivelmente afetadas pelo processo de ocupação urbana, especialmente com a abertura de novas ruas sem o mínimo de cuidado com o relevo e natureza existente no local.



Lagoa com Gigoia



Estradas sendo abertas

Pântano da Capivara

O Pântano da Capivara, que antes era Zona de Recuperação da Vida Silvestre, foi denominado como ZPVS 02, estando, porém, incrustado na nova ZOC 05 proposta pelo Plano de Manejo. Sua área situa-se junto à estrada e é limitada pelo parcela-

mento já existente (Cidade Nova), área extremamente frágil e, por ser pântano, abriga inúmeras espécies de vida animal. A presença constante de gaviões na área demonstra a existência de caça (roedores, cobras, ovos de outros pássaros).



Caracara plancus — Caracará



Gallinula chloropus — Frango d'Água

Estrada da Sapiatiba Mirim junto à Via Lagos

Esta estrada sai da Capivara e se dirige à povoação de Sapiatiba Mirim. Lá existe escola, a Igreja de Santa Rita e praça com coreto. Foi esta a área examinada em um raio de 100 metros em torno da Projeção Universal Transversa de Mercator (UTM) colhida na época do levantamento e concernente com a divisão no plano de manejo. Depois, seguindo até a povoação, foram feitas mais entrevistas. Também aí foram observados e fotografados os pássaros.

No levantamento ora descrito, foram realizadas entrevistas informais com transeuntes que aparentemente poderiam fornecer dados para este trabalho. Assim, aleatoriamente, foram identificados alguns informantes que passam a fazer parte dos registros aqui apresentados. São eles: Raquel Santiago F. dos Santos, Luciana Rosa Jesus Gonçalo, Lucia da Rocha Holanda, Leni dos Santos, Sinara Xavier Ramos, Antonio Máximo Freitas e José Florêncio da Silva. Todos se identificaram como moradores da Sapiatiba Mirim e disseram que gostam de morar no local pela tranquilidade. No entanto, apresentaram problemas em relação ao transporte e dificuldade de empregos na região. As mulheres entrevistadas trabalham somente na manutenção de suas próprias casas e famílias; dentre os homens, um deles era aposentado e outro trabalhava como comerciante no centro de Iguaba Grande. Todos os entrevistados demonstraram desconhecimento em relação à Unidade de Conservação, com exceção para Raquel Santiago F. dos Santos, uma jovem que, com o seu filho ao colo, falou-me que “ali onde morava era uma APA”. A mesma demonstrou interesse em que a região fosse protegida e que fossem impedidas muitas construções no local. Ao mesmo tempo, demonstrou preocupação ao receber informação de que a área tinha sido transformada em ZOC (Zona de Ocupação Controlada). A mesma disse que o bairro limite de Iguaba Grande é também chamado de “Cidade Nova”. Os de-

mais entrevistados, ao serem informados de que a área é parte de uma unidade de conservação, afirmaram ser importante proteger a natureza. No entanto, demonstraram pouquíssimo conhecimento sobre o tema.

No interior da Associação de Moradores e Amigos da Sapiatiba, foi realizada entrevista com a secretária Danúbia Lessa, que também demonstrou falta de conhecimento sobre o tema tratado e satisfação ao ser informada de que a área de abrangência da associação passava a ser uma zona de ocupação urbana. A secretária informou que existem 386 associados na mencionada organização civil.

No tocante à vegetação, foram observados indivíduos de grande porte nas áreas de ZCVS e ZPVS, na Serra de Sapiatiba e na Flecheira, como o pau-brasil (*Caesalpinia echinata*), jatobá (*Hymenaea courbaril*), pau-de-jacaré (*Piptadenia gonoacantha*), ipê-amarelo (*Tabebuia chrysotricha*), sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*) e a aroeira (*Schinus terebenthifolius*).

O mesmo não podemos dizer das áreas da Estrada da Capivara, onde indivíduos vegetais remanescentes lutam desesperadamente para sobreviver. Se o pântano apresenta vegetação e fauna, é porque está integralmente dentro de uma fazenda onde o proprietário parou de lotear esperando o plano diretor. O que prova a importância do Plano de Manejo para a preservação e a compreensão por parte da população sobre o respeito à biodiversidade e à legislação que a protege.

O levantamento realizado para este estudo teve um investimento de dois dias de campo nas áreas descritas. Foram identificadas 67 espécies de aves pertencentes a 32 famílias. A família melhor representada em número de espécies foi *Tyrannidae* (n=11). O número (n=10) (Anexo - Tabela 4) significativo de espécies consideradas invasoras no Estado do Rio de Janeiro (Pacheco, 1993), encontradas no presente levantamento, é um forte indicativo da alteração da paisagem ori-

ginal promovida pelo homem, com a supressão do ambiente, ora dominado pelo ecossistema da Mata Atlântica e a entrada de elementos típicos dos cerrados do Brasil Central e Caatinga, como é o caso da asa-branca (*Patagioenas picazuro*), do sabiá-do-campo (*Mimus saturninus*) e da noiinha-branca (*Xolmis velatus*).

A nomenclatura utilizada aqui foi atualizada segundo CBRO (2008). As espécies, seus locais de ocorrência, ambiente avistado e status de conservação estão apresentados na tabela em

anexo, onde podem ser vistos e comparados com o inventário anterior, realizado em novembro de 2008. Em relação ao endemismo da Mata Atlântica (Brooks et al, 1999), foi encontrada uma espécie, a *Pyhrrura frontalis* (Tiriba-de-testa-vermelha).

Os quadros complementares em anexo acumulam todas as espécies já identificadas no relatório de novembro de 2008 e neste de junho de 2009 e conferidos em 2013, tendo chegado já a 118 espécies em 57 famílias.

“Existem, na região, espécies de aves que são caçadas e/ou utilizadas como animais de estimação, tais como: a marreca-de-pé-vermelho (*Amazonetta brasiliensis*), espécie comumente apreendida no tráfico de animais silvestres; a corujinha-do-mato (*Megascops choliba*); o sabiá-laranjeira (*Turdus rufigiventris*); o sabiá-una (*Turdus flavipes*); o sabiá-do-campo (*Mimus saturninus*) e o tico-tico (*Zonotrichia capensis*). O bico-de-lacre (*Estrilda astrild*), apesar de ocorrer na região, é uma espécie exótica, que tem a curiosidade de ser muito comumente encontrada próxima ao capim-colonião, por acaso outra espécie exótica (Oliveira, 2004). Com a destruição de habitats, entretanto, diversas aves encontram-se eminentemente ameaçadas de terem suas populações reduzidas em número ou eliminadas definitivamente da região. Neste caso, incluem-se basicamente todas as espécies de maior porte e as que se encontram associadas predominantemente à estepe arbórea das Serras de Sapiatiba e Sapiatiba Mirim, pois estas matas são as mais pressionadas pelas atividades humanas” (UFF-CT, 2001).

Neste momento em que quase 1000 hectares deixaram de ser considerados Zona de Uso Agropecuário para serem Zonas de Ocupação Controlada, a Educação Ambiental deve ser incentivada, pois é evidente que a densidade demográfica deverá aumentar na razão direta do desmatamento e impermeabilização do solo da APA da Serra de Sapiatiba. A parte das serras que foi para o parque está sendo protegida, e hoje contamos com guardas ambientais de São Pedro da Aldeia e Iguaba Grande e fiscais do INEA. Entretanto, a pressão da expansão de empreendimentos urbanos é preocupação constante. As serras não podem ser desmatadas, pois isso corresponderia a tornar toda a região em deserto.

Bibliografia

- Brooks, T., J. Tobias, and A. Balmford. 1999. Deforestation and bird extinctions in the Atlantic Forest. *Animal Conservation* 2: 211–222.
- CIDE (Centro de Inf. e Dados do Rio de Janeiro) 2003. Índice de Qualidade dos municípios (IQMV e I). <<http://200.156.34.70/IQM/verdeII/principal.htm>> Acesso em: 3/06/2009.
- Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (2008). Listas das aves do Brasil. Versão 5/10/2008. Disponível em <<http://www.cbro.org.br>>. Acesso em: 3/06/2009.
- Fundação SOS Mata Atlântica/INPE. (2008). Atlas dos Remanescentes Florestais. <mapas.sosma.org.br/dados> Acesso em 8/06/2009.
- Guimarães, M. A. e Guimarães, P.L.C. (2006). Levantamento Preliminar da Avifauna da Serra de Sapiatiba, Região dos Lagos, Rio de Janeiro, Brasil. *Atualidades Ornitológicas* Nº133 - Setembro/Outubro 2006 - www.ao.com.br.
- Mansur, D. et al. 2004. Serra de Sapiatiba – Patrimônio Geológico Ecológico e Cultural da Região dos Lagos. Iguaba Grande, Rio de Janeiro, Brasil. p.47.

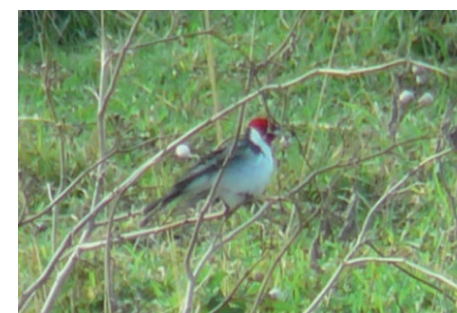
INVENTÁRIO FLORÍSTICO DA SAPIATIBA

José Henrique de Macedo Moura e Diego dos Santos Moura

“Encantei-me desde cedo com a bela floresta salpicada de ipês amarelos da Serra de Sapiatiba. No passado era o lugar ideal, no finzinho da tarde, para pensar na vida e ficar em contato direto com a mãe natureza, seus sons, seus pássaros, aquela melodia alimentava minha alma de biólogo. Para realizar este trabalho, caminhei por toda a região da Sapiatiba, estudei suas árvores, senti os seus cheiros e os seus espinhos. Cada visita, uma aventura. Rodei bastante de jeep, mas, onde realmente apreciei, estava a pé e caminhava em silêncio. Assim pude visualizar e fotografar dois galos-da-campina na borda da serra. É justamente pela questão de manter a fauna que necessitamos compreender e proteger a vegetação.



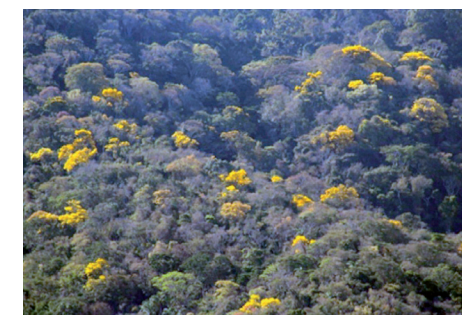
Jequitibá no alto da APA de Sapiatiba.
Foto: José Henrique



Galo-da-campina na borda da serra.
Foto: José Henrique



Ipê-amalelo no alto da APA de Sapiatiba.
Foto: José Henrique



Ipê-amarelos floridos em setembro na Sapiatiba

Vai chegar o dia em que as pessoas que pensam como nós vão partir, e é prematuro que, antes, povoemos nossa casa com pessoas cada vez melhores, cada vez mais informadas, participando positivamente na construção de um planeta melhor, mais humanizado. Que o maior número de pessoas possa entender que esses recursos naturais são finitos e podem simplesmente desaparecer. Da forma como o ser humano vem agindo, em breve esses momentos ficarão guardados apenas nas minhas saudosas lembranças.

Bela também é a floração das paineiras, que, também como os ipês-amarelos, perdem suas folhas na época da floração — agosto, setembro — como o belo exemplar situado bem no alto da serra. Ao cair sua folhagem, deixa que se observe toda a beleza da Laguna de Araruama, a maior do mundo, com suas características tão particulares... e tão nossas.”



Paineira em floração. Foto: José Henrique

O município de São Pedro da Aldeia está totalmente incluído na área delimitada como Centro de Diversidade Vegetal de Cabo Frio (CDVCF). Essa região é reconhecida como importante centro de diversidade vegetal (BO-

HRER et al., 2009). O clima mais seco da região influencia diretamente a cobertura vegetal, fazendo com que essas formações sejam bem diferentes do aspecto exuberante que as florestas do Estado exibem (FERNANDES, 2005; COE et al., 2007; MOURA, 2010).

Os primeiros estudos sobre a vegetação de Cabo Frio foram realizados pelo botânico alemão E. Ule (1967; URURAHY et al., 1987), que diferenciou as comunidades vegetais em quatro fisionomias (FEEMA, 1989a; DANTAS, 2005; BOHRER et al., 2009): (1) halófito de ocorrência nas dunas, expostas a salinidade; a (2) comunidade da costa não salgada, composta por vegetação arbustiva, não muito densa de Ericaceae, e, em solo mais estável (apesar de arenoso) pela restinga arbustiva, mais densa e rica em espécies que a anterior; a de Myrtaceae, pela restinga de Clusia, formada por vegetação mais alta e densa, podendo chegar a 10 metros de altura e pela restinga paludosa, que ocorre em locais periodicamente inundados; a (3) comunidade das matas, composta por matas paludosas e matas de restinga, apresentando porte maior e espécies exclusivas. Na quarta comunidade, descreve os (4) montes argilosos e plantas ruderais, relacionando cada uma dessas formações com suas espécies características.

O Projeto RadamBrasil (1983) divide a região de Cabo Frio em três formações ecológicas: (1) áreas de Formações Pioneiras, definidas como áreas de acumulações quaternárias recentes, sedimentadas ao longo do litoral, nas margens dos cursos d'água e ao redor de pântanos e lagoas; (2) região da Floresta Estacional Semidecidual, abrangendo a vegetação sobre os tabuleiros costeiros do Terciário do Grupo Barreiras (Florestas de Terras Baixas) e terras de litografia do Pré-Cambriano, entre 5m e 50 m de altitude; e (3) a Estepe Arbórea, sobre os costões rochosos, com predominância de cactáceas e gramíneas.

Hueck (1972) propôs uma distinção entre dois trechos da mata pluvial costeira no Brasil,

interrompida por uma mata seca (ANDRADE, 2006; COE et al., 2007). Ururahy et al. (1983; COE et al., 2007), classificam essas fitofisionomias em Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila Densa e Formação Pioneira com influência marinha. A Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente reconheceu diferentes associações vegetais em Cabo Frio, de acordo com a feição fitofisionômica e composição florística agrupadas em quatro distintas categorias: planície fluvio-marinha, planície arenosa, planície fluvio-lacustre e maciço rochoso (FEEMA, 1989a).

Essas peculiaridades climáticas, geológicas e ecológicas condicionam a presença de formações vegetais diversas e grande quantidade de espécies endêmicas e raras (FEEMA, 1989a; COE et al., 2007; BOHRER et al., 2009).

A área definida como CDVCF compreende aproximadamente 1.562 km², abrangendo oito municípios da Região dos Lagos: Maricá, Saquarema, Araruama, Iguaba Grande, São Pedro da Aldeia, Cabo Frio, Arraial do Cabo e Armação dos Búzios (BOHRER et al., 2009; MOURA, 2010). Embora as comunidades vegetais mais próximas ao mar estejam mais bem descritas, as características estruturais dos remanescentes florestais desses ambientes são escassas, tendo se intensificados os estudos dessa natureza com a nomeação da região de Cabo Frio como um importante centro de diversidade (FERNANDES, 2005).

A riqueza de espécies é evidenciada em diversos levantamentos florísticos realizados (ARAÚJO 1997, 2000; FARÁG 1999; LIMA, 2000; FERNANDES, 2005; COE et al., 2007; BOHRER et al., 2009). Dentre



Área de uso agropecuário. Foto: José Henrique

as famílias mais representativas, destacam-se: Leguminosae, Myrtaceae, Ericaceae e Anacardiaceae (COE et al., 2007), Euphorbiaceae, Nyctaginaceae, Sapotaceae e Sapindaceae (FARÁG 1999; ANDRADE, 2006) e a herbácea Bromeliaceae.

A formação submontanha da APA da Serra de Sapiatiba está bastante alterada pela ação antrópica relacionada com o uso agropecuário, exploração florestal e pela expansão da ocupação urbana ocorrida após 1970.

Há predominância de espécies com ocorrência comum na floresta ombrófila, mais adaptadas a ambientes mais secos, como *Actinostemon communis*, *Aspidosperma* sp., *Anadenanthera colubrina*, *Caesalpinia echinata* (Pau-brasil), *C. ferrea* (Pau-ferro), *Clusia fluminensis*, *Erythroxylum pulchrum*, *E. subrotundum*, *Guapira opposita*, *Inga maritima*, *Joannesia princeps*, *Margaritaria nobilis*, *Machaerium incorruptile*, *M. lanceolatum*, *M. oblongifolium*, *Metrodorea brevifolia*, *Myrciaria floribunda*, *Myrocarpus fastigiatus*, *Parapiptadenia pterosperma*, *Pachistroma ilicifolium*, *Pterocarpus rohrii*, *Pseudobombax gradiflorum*, *Pseudopiptadenia contorta*, *Tabebuia* sp. e *Zanthoxylum rhoifolium*, entre outras (Dantas et al. 2008; Farág, 1999; Sá, 2006).



Caesalpinia ferrea - Pau-ferro. Foto: José Henrique

A identificação taxonômica foi realizada pelos biólogos José Henrique Macedo de Moura (Universidade Veiga de Almeida e IPEDS) e Diego dos Santos Moura, por meio de consulta à bibliografia especializada (LORENZI, 2000, 2002, 2009; LORENZI et al., 2006) e observações pessoais em 10 trabalhos de campo, realizados nos meses de julho e agosto de 2013. Foram registradas informações pertinentes ao estado e localização das espécies.

Foi verificado nessas incursões que não existe na área da APA de Sapatiba preocupação com a introdução e a permanência de vegetação invasora. Grande quantidade de plantas exóticas foi observada. Se a situação persistir, poderão, no futuro, interferir negativamente na dinâmica desta unidade de conservação. Observou-se também, em vários locais, disposição inadequada de resíduos sólidos.

A ausência de placas de sinalização ecológica pode estar contribuindo para esta forma de degradação. Com relação à Zona de Uso

Especial (ZUE), onde estão localizadas as torres de transmissão, foi observado que, durante a manutenção das mesmas, são deixados materiais inservíveis, jogados sobre a vegetação, contribuindo para a degradação da área próxima das torres.

APA apresenta, neste momento, estado regular de conservação. Já se observa algum tipo de fiscalização sistemática nas partes mais altas da APA, mas é necessário um maior esforço de fiscalização e a instalação de placas indicativas dos limites da APA e de sua utilização.

Faz-se necessário, esclarecer que este estudo possui limitações de natureza metodológica e que não se pretendeu esgotar a totalidade das espécies presentes na área, mas as mais representativas. O estudo fica limitado pelo número de dias de trabalho, apenas 10, e pela amostragem de apenas dois meses incompletos (segunda quinzena de julho e primeira quinzena de agosto). Seria necessário um ano completo de trabalho de campo para

contemplar as diferentes épocas de fertilidade das plantas (flor e fruto) para que se pudessem identificar um universo mais abrangente. Muitas espécies não foram amostradas, e o método utilizado, de caminhamento por trilhas já abertas, buscou não gerar qualquer tipo de impacto sobre a Unidade de Conservação (UC). Nesse sentido, não houve coleta de material para herborização, nem incursões pela mata fechada. Buscou-se apenas uma amostragem das espécies vegetais presentes na APA, para a formação de uma visão atual sobre o estado da mesma sem, contudo, pretender esgotar ou criar uma lista definitiva. (Anexo - Tabelas 2 e 3)



Resíduos inadequadamente dispostos nos arredores da APA. Foto: José Henrique

Bibliografia

BOHRER, Claudio Belmonte de Athayde; DANTAS, Heloisa Guinle Ribeiro; CRONEMBERGER, Felipe Mendes; VICENS, Raul Sanchez; ANDRADE, Sandra Fernandes de. Mapeamento da vegetação e do uso do solo no centro de diversidade vegetal de Cabo Frio. Rio de Janeiro, Brasil. Rodriguésia 60 (1): p. 1-23. 2009.

COE, Heloisa H. G.; CARVALHO, Cacilda N. de; SOUZA, Leandro O. F. de; SOARES, Antônio. Peculiaridades ecológicas da região de Cabo Frio, RJ. Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Revista

Tamoios 4 (2): p. 20. 2007.

DANTAS, Heloisa Guinle. Paisagem e vegetação do município de Armação dos Búzios, Rio de Janeiro. 82 f. Dissertação (Mestrado em Botânica) - Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Escola Nacional de Botânica Tropical, Rio de Janeiro, 2005.

FEEMA - Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente. Importância da biota da região de Cabo Frio. Departamento de Planejamento Ambiental. Coordenação de Dinâmica de Ecossistemas. p. 62. 1989a.

FERNANDES, Danielle da Silva. Estrutura de um trecho de floresta seca de restinga em Cabo Frio/RJ. 49 f. Dissertação (Mestrado em Botânica) - Escola Nacional de Botânica Tropical do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Manual técnico da vegetação brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, Manuais técnicos de geociências - Departamento de recursos minerais. p. 92. 1991.

LORENZI, Harri. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. São Paulo: Instituto Plantarum, v.1, p. 352. 2000.

_____. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. São Paulo: Instituto Plantarum, v.2, p.368. 2002.

_____. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. São Paulo: Instituto Plantarum, v.3, p. 384. 2009.

LORENZI, Harri & MELLO, Luiz Emygdio. As plantas tropicais de R. Burle Marx. São Paulo: Instituto Plantarum, p.488. 2001.

LORENZI, Harri.; SARTORI, Sergio.; BACHER, Luis Benedito.; LACERDA, Marco. Frutas brasileiras e exóticas cultivadas: (de consumo in natura). São Paulo: Instituto Plantarum, p. 640. 2006.

MOURA, Diego dos Santos. Subsídios à implementação e manejo do Parque Natural Municipal do Mico-leão-dourado, Cabo Frio - RJ. Niterói: 2010. 108f. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) - Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, 2010.

RADAMBRASIL, Ed. Rio de Janeiro/Vitória: geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação e uso potencial da terra/Projeto Radambrasil. Folhas SF.23/24. Rio de Janeiro, v.32, p.780, Folhas SF.23/24. 1983.

ULE, E. A vegetação de Cabo Frio. Boletim geográfico, 200: pp. 21-32, 1967.

URURAHY, José Cláudio Cardoso; COLARES, José Enílcio Rocha; SANTOS, Manoel Messias dos. Nota Sobre uma Formação Fisionômica - Ecológica Disjunta da Estepe Nordestina na Área do Pontal de Cabo Frio-RJ. Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Geografia, 49, (4), p. 5. 1987.

CONCLUSÃO

Para conviver com a diversidade da APA da Serra de Sapiatiba, é preciso muito mais do que amor; é preciso vontade para manter projetos de educação continuada, incentivo ao turismo sustentável aproveitando as características rurais da Sapiatiba, parcerias com as empresas lindeiras à Serra, e todas essas ações precisam ser desenvolvidas junto com as administrações municipais de forma integrada, e com apoio do INEA, já que tanto a APA quanto o Parque são Estaduais. Dependemos ainda da fiscalização contínua por parte da administração municipal e estadual, e respeito à legislação ambiental. Dependemos também das pessoas que lá moram e que devem dar o exemplo, seguindo a legislação e demonstrando para todos a responsabilidade que é morar em uma área de Preservação Ambiental que é vizinha de um Parque Estadual.

Desde sua fundação, IPEDS vem trabalhando os conhecimentos e intervenções na serra. Mas as pessoas passam, os diretores das escolas mudam, os secretários e prefeitos também, e sabemos muito bem que nem todos têm o mesmo interesse em preservar. Neste ano de 2014, estamos em um momento brilhante, com uma administração municipal que objetiva a preservação ambiental e o respeito à legislação. É claro que o ICMS Verde veio ajudar muito para poder aproveitar sua parcela e outros valores decorrentes de licenças e compensações ambientais nas ações de preservação. Gerir o Fundo de Meio Ambiente requer vontade e trabalho. Requer também um Conselho de Ambiente que esteja disposto a elaborar e aprovar projetos.

O projeto Conhecer para Preservar vai usar este livro como base para novas palestras e também para a inserção dos conhecimentos nos currículos escolares de forma transversal através de laboratórios com os professores, vai despertar a busca por interessados em ler os outros livros que já estão no site, mas precisamos de mais, cada vez mais pessoas sinceramente interessadas na preservação. Pessoas que não tenham medo de desagradar a alguém, pessoas que realmente entendam que não é possí-

vel continuar a desmatar inutilmente, vender terrenos irregulares, extrair areia de forma ilegal, matar animais, construir em encostas, caçar pássaros, provocar incêndios e lançar lixo na mata. Todos são crimes do dia-a-dia que alguns cometem como rotina ou meio de sobrevivência. Todos precisam entender que as mudanças climáticas estão aí, a subida das águas dos oceanos também. Em nossa região é a Serra de Sapiatiba que divide as bacias hidrográficas de Araruama e Una. Ela assegura a chuva na Região dos Lagos. Sob ela está passando o único aquífero da região (Resub Lagos, 2005), e ela é a área mais alta de São Pedro da Aldeia, no centro da Região dos Lagos. Nada tão alto entre Maricá e Barra de São João.

Ao iniciarmos o livro com as conversas sobre a vida na Sapiatiba estamos propondo que mais pessoas venham a entender que se pode morar em uma região rural, perto da cidade, mas tendo ainda uma vida plena, e que, apesar das dificuldades, o ar puro, os pássaros pela manhã e à tarde, a conversa jogada fora junto a uma xícara de café e um bolinho de chuva enquanto a noite vem caindo, é ainda um tipo de felicidade que muitos gostariam de ter, mas somente quem ajuda a preservar pode vir a ter.

Com os recursos modernos da tecnologia dá para conviver com os avanços, e preservar a diversidade. Não estamos longe, afinal com tantas antenas na serra, sinal de comunicação é o que não falta na Sapiatiba. Existem sinais de energia, internet, telefones, tablets, computadores, todos os recursos possíveis para nos comunicarmos e nos mantermos atualizados. Não existe dificuldade de aprender nem de se atualizar. O que precisa existir é a concordância entre aprender, aplicar e preservar.

O IPEDS mais uma vez agradece a quem confia em seu trabalho e, desta forma, proporciona a todos a possibilidade de conhecer um pouco mais sobre esta área tão linda de São Pedro da Aldeia. Convidamos a todos aqueles que nos leem para atuarem também como parceiros na preservação da Área de Preservação Ambiental da Serra de Sapiatiba.

Serra de Sapiatiba Convivendo com a Diversidade

Livro Terceiro

Coordenação do Projeto

Dalva Rosa Mansur

Autores

Dalva Mansur

Diego dos Santos Moura

José Henrique Macedo Moura

Julia Cristina Fernandes

Sandra Barbara de Souza

Revisão Acadêmica

Rita de Cássia Rodrigues Oliveira

Apoio ao Projeto

PMSPA, SALPSP, COMASPA,
Fundo Municipal de Meio Ambiente - SPA

Apoio de Pesquisas

CCR – VIA LAGOS

Prefácio

Adriana Saad

Design

Leo Viana Design

Prefeito – Claudio Chumbinho

Nosso agradecimento a todos os moradores que nos auxiliaram na pesquisa.

CDU 574-42

Ficha Catalográfica

Serra de Sapiatiba - Convivendo com a Diversidade - Livro Terceiro

Dalva Mansur, Diego dos Santos Moura, José Henrique Macedo Moura, Julia Cristina Fernandes, Sandra Barbara de Souza, Revisora Rita de Cássia Rodrigues Oliveira.
Ed. IPEDS Centro de Pesquisa.

Descreve lendas e vivências da comunidade, crescimento populacional e preservação ambiental, descreve recursos da biodiversidade pássaros e vegetação. Unidade de conservação.

Apoio Prefeitura municipal de São Pedro da Aldeia, Fundo Municipal de Meio Ambiente, Secretaria Municipal de Ambiente Lagoa e Pesca e Serviços Públicos, Conselho Municipal de Meio Ambiente de São Pedro da Aldeia

São Pedro da Aldeia 2014

Tecnologia Educacional:



IPEDS
Instituto de Pesquisas e Educação
para o Desenvolvimento Sustentável

Apoio institucional:

